



## **O PROJETO RADICAL TRADICIONALISTA: ENTREVISTA COM MARK SEDGWICK**

*The radical traditionalist project: an interview with Mark Sedgwick*

Felipe Freitas de Souza\*

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

DOI: 10.29327/256659.14.2-2



Foto de Uffe Schjødt

---

\* Doutorando em Ciências Sociais na FCL de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e divulgador do Islam pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Islâmicos de Maringá (PR), 2016-2018. E-mail: [felipefdes@gmail.com](mailto:felipefdes@gmail.com).

Os estudos relacionados ao Tradicionalismo, uma ideologia que amalgama política, esoterismo e religião em uma abordagem elitista, têm ganhado notoriedade tanto nacional quanto internacionalmente. Figuras de destaque como Steve Bannon, conselheiro de Donald Trump e influenciador proeminente nos Estados Unidos, Olavo de Carvalho, figura influente no governo de Jair Bolsonaro no Brasil, e Alexander Dugin, ideólogo com grande prestígio na Rússia, orbitam no universo do Tradicionalismo. É relevante notar que a autoridade desses pensadores transcendeu as fronteiras da política, estendendo-se também para a esfera espiritual. O Tradicionalismo oferece uma perspectiva que propõe uma compreensão da História que reabilita a tradição como um horizonte desejável para a organização da sociedade. Esse movimento tem se fortalecido em paralelo ao crescimento do pensamento de extrema-direita, promovendo ideias antidemocráticas e antimodernas, ao mesmo tempo em que reforça noções reacionárias e conformistas.

A ideologia Tradicionalista fundamenta-se na divisão das pessoas em dois grupos principais: os tradicionais e os modernos. Ela se caracteriza pela aversão ao pensamento revolucionário e promove conceitos, como a sociedade de castas, em uma nova roupagem. Por exemplo, a perspectiva prevalente entre os adeptos do bolsonarismo de que o verdadeiro cidadão é aquele que se identifica como patriota, "de bem", cristão e heterossexual, em contraposição aos comunistas, não-cristãos e aqueles que se desviam da heteronormatividade, ilustra como a divisão entre "nós e eles", um traço distintivo do pensamento fascista, ressurgiu sob diferentes contextos. Compreender o papel do Tradicionalismo nesse cenário, assim como em outras manifestações, torna-se uma tarefa crucial para os pesquisadores na área de estudos da religião. No contexto religioso, os Tradicionalistas muitas vezes afirmam possuir a compreensão genuína da religião, independentemente da tradição à qual estejam afiliados no momento. Isso pode ser confuso para acadêmicos e interessados, já que esses Tradicionalistas frequentemente usam os termos "tradicional" ou "clássico" como sinônimos de "verdadeiro" ou "original". Essa estratégia faz parte de sua busca por presença e influência na esfera social, por mais que alguns de seus membros aleguem não se envolverem politicamente.

Mark Sedgwick, um dos principais especialistas nos estudos do Tradicionalismo, tem se dedicado a esse tema desde o início dos anos 2000. Nascido na Inglaterra, ele é historiador e professor de Árabe e Estudos Islâmicos na Faculdade de Artes da Universidade de

Aarhus, na Dinamarca. Sua jornada inicial com o tema começou durante seu período de estudos na Universidade Americana do Cairo, onde se envolveu com o sufismo. Enquanto seu livro anterior, "Contra o Mundo Moderno", focava na figura do esoterista René Guénon, seu mais recente trabalho sobre o Tradicionalismo, lançado em 2023, oferece análises sobre os movimentos e intelectuais que seguiram o legado de Guénon, com ênfase em suas conexões com os pensamentos de Frithjof Schuón e Julius Evola. No Brasil, simpatizantes desses autores desempenham papéis diversos em diferentes esferas, tanto pública quanto privada, influenciando a forma como atores sociais interpretam a realidade. Nesta entrevista, o Professor Sedgwick enfatiza a importância de reconhecer as múltiplas manifestações do Tradicionalismo, independentemente de onde elas ocorram

Agradeço à jornalista Letícia Oliveira e ao professor Petter Hübner pelo diálogo para elaboração das questões desta entrevista.

**Felipe Freitas de Souza:** Em seu livro *Contra o Mundo Moderno*, sua abordagem foi panorâmica, apontando os principais agentes sociais envolvidos com a questão do Tradicionalismo e suas principais correntes de desenvolvimento. Em seu novo livro, *Tradicionalismo: O Projeto Radical para Restaurar a Ordem Sagrada* [título original: *Traditionalism: The Radical Project for Restoring Sacred Order*, ainda sem tradução para o português], a divisão é mais por temas do que por tais correntes. Significativo que em seu Prefácio à Edição Alemã de *Contra o Mundo Moderno*, de 2019, você apontava o esgotamento do Liberalismo, mas não o esgotamento do Tradicionalismo. Qual o papel desse Tradicionalismo na política contemporânea do Ocidente?

**Mark Sedgwick:** Sim, o novo livro é realmente temático. O primeiro livro, *Contra o Mundo Moderno*, examinou as origens do movimento Tradicionalista e como ele se desenvolveu. Naquela época, eu estava especialmente interessado em seu impacto no Islam e isso levou a um foco nas pessoas envolvidas. O foco do novo livro está mais nas ideias do que nas ações, embora, é claro, isso também envolve referências a pessoas, já que foram as pessoas que desenvolveram e modificaram as ideias. As ideias são apresentadas de forma temática, distinguindo entre as ideias básicas que estão no cerne do Tradicionalismo e as aplicações dessas ideias básicas, incluindo aplicações políticas, uma vez que é na política que o Tradicionalismo é mais visível atualmente.

O papel do Tradicionalismo na política contemporânea do Ocidente está em segundo plano. O Tradicionalismo não é uma ideologia de massa como o Comunismo, o Socialismo ou o Fascismo, que pode ser pregada para grandes números de pessoas em reuniões públicas. Os Tradicionalistas, em vez disso, são lidos por intelectuais da direita radical ou da nova direita, assim como por pessoas sem filiação política. Uma das grandes ideias da direita radical, que vem do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci, não do Tradicionalismo, é o que eles chamam de “metapolítica”. Essa é a ideia de que, para mudar o mundo, você primeiro precisa mudar a forma como as pessoas pensam sobre as coisas. Os termos do debate muitas vezes determinam o resultado do debate, e o resultado do debate então determina o que acontece na vida real. Eu mesmo acredito que isso muitas vezes é verdade, embora, é claro, também seja verdade que o que aconteceu na vida real também determina grande parte do debate subsequente. De qualquer forma, o Tradicionalismo é uma referência importante para a direita intelectual, e a direita política está em ascensão em todos os lugares - basta olhar para os padrões de votação em quase qualquer lugar com eleições significativas e isso fica claro. Portanto, o Tradicionalismo afeta a direita intelectual, afeta a direita política e, por sua vez, afeta o mundo real.

Quanto aos Tradicionalistas, os nomes importantes no momento são o italiano Julius Evola, que morreu em 1974, mas foi o primeiro e mais importante Tradicionalista a escrever sobre questões políticas, o russo Alexander Dugin, o americano Steve Bannon e, pelo menos para aqueles que conhecem o Brasil, o falecido Olavo de Carvalho.

**Felipe Freitas de Souza:** Sabemos que houve disputas e cisões entre os grupos Tradicionalistas, como ocorreu de certa forma com expoentes do movimento, como Guénon e Schuón. Qual o papel dessas rupturas e divisões que esses grupos enfrentam? O formato de seita, seguido por muitos desses grupos, possibilita quais empreendimentos e limita quais outros?

**Mark Sedgwick:** Como todas as rupturas e divisões, aquelas dentro do movimento Tradicionalista refletem animosidades pessoais, bem como desacordos sobre ideias. No meu novo livro, estou mais interessado nas ideias, e é possível examinar essas ideias sem fazer referência excessiva a animosidades pessoais. As ideias propriamente tradicionalistas começam com o filósofo francês René Guénon (embora ele também tivesse suas fontes, é claro). Quando Evola desenvolveu uma das ideias de Guénon em uma nova ou diferente direção, por exemplo, isso foi de certa forma um desacordo, bem como um desenvolvimento, e o

resultado foi uma divisão entre aqueles que aceitaram o novo desenvolvimento e aqueles que não aceitaram.

Alguns pensadores Tradicionalistas têm apenas seguidores intelectuais, mas alguns também têm seguidores que formam grupos organizados. E esses grupos se assemelham a seitas, não no sentido popular de serem desviantes e perigosos, mas no sentido sociológico, pois são distintos e diferentes do *mainstream* circundante. Embora, é claro, alguns grupos Tradicionalistas tenham sido perigosos, geralmente para seus próprios membros, e alguns membros de grupos Tradicionalistas de fato sofreram. Na Itália, nas décadas de 1970 e início de 1980, algumas pessoas inocentes foram feridas ou até mesmo mortas por um grupo Tradicionalista específico que recorreu ao uso de explosivos em seu ataque à Modernidade. Mas isso é incomum, e grupos Tradicionalistas também têm permitido que seus membros explorem a espiritualidade tradicional e, em alguns casos, a política de uma maneira que não teria sido possível de outra forma.

**Felipe Freitas de Souza:** Alexander Dugin desempenhou um papel significativo no debate intelectual na Rússia, assim como Olavo de Carvalho fez no Brasil. Recentemente, Dugin publicou um texto<sup>1</sup> em uma revista da Escola Superior de Guerra do Brasil, que faz parte do Ministério da Defesa brasileiro. Além disso, há um movimento chamado “Nova Resistência”, com um grupo dissidente chamado “Sol da Pátria”, que compartilha uma orientação similar e tem disseminado o pensamento duginista no Brasil, assim como o de Julius Evola e outros expoentes do Tradicionalismo “clássico”. O que você considera relevante nessa expansão do pensamento duginista e que riscos para as democracias essa difusão pode conter?

**Mark Sedgwick:** De fato, Dugin e Olavo de Carvalho são semelhantes em muitos aspectos, mesmo que não tenham se entendido bem no debate público que tiveram em 2011. Portanto, não é surpreendente que o pensamento de Dugin deva interessar às pessoas no país onde o pensamento de Olavo de Carvalho também interessou. Não há uma única explicação para o porquê de alguns brasileiros gostarem das perspectivas de Olavo de Carvalho, e o mesmo vale para o porquê de se interessarem por Dugin. Mas é provavelmente relevante

---

<sup>1</sup> DUGIN, Aleksandr G. O Segundo Mundo, a Semiperiferia e o Estado-Civilização na Teoria do Mundo Multipolar. In: *Cadernos de Estudos Estratégicos*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, n. 01, 2023. p. 14-28. Disponível em [https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos/edicoes-do-ano-corrente/caderno\\_abril-2023\\_a-crise-russo-ucraniana\\_diferentes-enfoques.pdf](https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos/edicoes-do-ano-corrente/caderno_abril-2023_a-crise-russo-ucraniana_diferentes-enfoques.pdf). Acesso em 25 de set. de 2023. [As páginas 29 a 43 do volume desta revista apresentam o texto de Dugin em inglês].

em ambos os casos que a experiência do Brasil com a modernidade liberal não tenha sido desproblematizada e que o Brasil compartilhe com a Rússia uma relação um tanto ambivalente com a modernidade ocidental dominante.

O pensamento duginista tem como alvo direto a democracia e nesse sentido é um risco direto para as democracias. No entanto, o risco maior não vem de Dugin, mas sim da crise geral do liberalismo e da democracia que estamos testemunhando atualmente, a qual tem causas muito mais profundas e amplas do que qualquer pensador individual. Se a democracia liberal estivesse prosperando no Brasil, ninguém estaria preocupado com algum estranho intelectual russo.

**Felipe Freitas de Souza:** Seu livro *Contra o Mundo Moderno*, antes de ser traduzido pela Editora Âyiné para o português no começo de 2021, circulava entre militantes anti-fascistas, assim como as obras de Alexander Reid Ross,<sup>2</sup> Benjamin Teitelbaum<sup>3</sup> e Jason Stanley.<sup>4</sup> Para tanto, o portal *El Coyote*<sup>5</sup> teve um papel importante na difusão desses autores e de suas obras – inclusive a sua. No começo de seu novo livro, você indica que é preciso que as pessoas reconheçam o Tradicionalismo quando se deparam com ele; penso que do mesmo modo devem saber identificar os neofascismos e neonazismos que, apesar de tudo, encontram-se em voga e na cena política contemporânea e tomam novas formas. O quanto o Tradicionalismo pode ser considerada uma forma de ideologia filo-fascista ou parafascista?

**Mark Sedgwick:** O Tradicionalismo contemporâneo é explicitamente crítico em relação ao Fascismo clássico, então talvez seja melhor chamá-lo de pós-fascista em vez de neofascista. Certamente, é antiliberal, assim como o Fascismo foi.

Mais importante ainda, o Tradicionalismo é antimoderno. Portanto, é contra ideias modernas como igualdade humana e progresso, não apenas contra a democracia. Em muitos aspectos, é muito mais radical do que o Fascismo clássico jamais foi. Portanto, na verdade, a relação entre o Tradicionalismo e os políticos de extrema-direita nos diz mais sobre esses políticos do que sobre o Tradicionalismo. Muitos políticos de extrema-direita se apresentam como pessoas não assustadoras e razoáveis. Até certo ponto... No entanto, se eles

---

<sup>2</sup> ROSS, Alexander Reid. *Against the fascist creep*. Oakland: AK Press, 2017. Sem tradução para o português.

<sup>3</sup> TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

<sup>4</sup> STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

<sup>5</sup> [elcoyote.net](http://elcoyote.net)

têm uma relação com o Tradicionalismo, eles são, pelo menos potencialmente, muito mais radicais do que gostariam de parecer.

**Felipe Freitas de Souza:** O Tradicionalismo frequentemente se apoia na religião como suporte para suas lutas e debates. Considerando o caso do Islam, temos figuras como Hamza Yusuf, Umar Faruq Abd-Allah e Abdal Hakim Murad como expoentes desse pensamento que anteriormente estavam ligados a instituições, mas agora estão principalmente presentes na internet.<sup>6</sup> No Brasil, o Islam Tradicional tem se espalhado como uma forma de pós-salafismo, reivindicando legitimidade para definir quem é ou não um “verdadeiro muçulmano”, principalmente por meio das redes sociais - um instrumento que eles identificam como fora do “mundo da tradição”. Eu mencionei o Brasil, mas esse fenômeno é global. Como os Tradicionalistas estão usando instrumentos contemporâneos a serviço de sua ideologia? Quão contraditório é para esses críticos da modernidade usar redes sociais e plataformas *online* para disseminar suas ideologias?

**Mark Sedgwick:** Pessoas como Hamza Yusuf certamente são tradicionalistas, mas de uma maneira diferente de Guénon e Evola. Até certo ponto, eles aceitam grande parte da crítica Tradicionalista à modernidade, mas têm uma compreensão diferente da tradição que é o oposto da modernidade. Para eles, é o Islam clássico e muitas vezes o Sufismo. Para Guénon, era o que ele chamava de “a tradição primordial”, uma verdade esotérica universal, uma das formas das quais era o Sufismo, que existia dentro do quadro exotérico do Islam. Isso não é a mesma coisa. A posição de Guénon era perenialista - uma forma específica de universalismo – e Hamza Yusuf e outros do tipo não são perenialistas.

Hamza Yusuf e os outros que você mencionou se colocam em oposição ao salafismo, que eles veem como não-tradicional. Nisso eles estão certos, porque os salafis rejeitam certas formas clássicas de autoridade religiosa. Os salafis não são exatamente modernos, embora o salafismo como interpretação do Islam tenha surgido em uma parte da Península Arábica, o Nejd, no final do século XVIII. E embora a modernidade estivesse bem estabelecida na Europa naquela época, ela ainda não havia penetrado no Nejd.

De qualquer forma, não há contradição em Hamza Yusuf ou nos seguidores contemporâneos de René Guénon usarem meios modernos de comunicação para disseminar suas

---

<sup>6</sup> Os personagens citados nessa questão estão no livro recente de Walaa Quisay – QUISAY, Walaa. *Neo-Traditionalism in Islam in the West: Orthodoxy, Spirituality and Politics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2023.

mensagens. O principal problema que eles encontram na modernidade é o que ela não é - ela perdeu o verdadeiro Islam, ou a verdade esotérica primordial, conforme o caso. Apesar disso, alguns aspectos da modernidade são bons. O bem que foi adicionado não vale o bem que foi perdido, mas isso não impede que algumas inovações modernas sejam, em seus próprios termos limitados, úteis. Mesmo que algumas, como a democracia, não sejam de todo úteis.

**Felipe Freitas de Souza:** Recentemente, uma editora associada à família de Olavo de Carvalho lançou traduções das obras de René Guénon para o português<sup>7</sup>. Dugin cita Guénon em suas obras e Steve Bannon também faz referência a ele. Um portal relevante sobre o Islam Tradicional no Brasil utiliza René Guénon para definir a tradição. Um dos ideólogos de um movimento de extrema-direita brasileiro, o Movimento Brasil Livre (MBL), se apresenta como muçulmano e faz referências a Guénon em algumas de suas entrevistas. Até que ponto a referência a René Guénon é um sinal de alerta para aqueles preocupados em não retornar a uma sociedade baseada em castas, autoritarismo e conservadorismo, conforme desejado e elogiado por Guénon e pela maioria de seus seguidores, ou para combater ideologias de direita alinhadas ao nazifascismo?

**Mark Sedgwick:** Referências a Guénon costumam ser um sinal de alerta. Mas às vezes, após serem investigadas, a bandeira vermelha pode ser substituída por uma laranja, ou até mesmo por uma verde. Depende do que as pessoas extraem de Guénon. Pode ser apenas um argumento pelas virtudes do Islam - nesse caso, uma bandeira verde definitivamente é adequada, já que o verde é a cor do Islam! Ou as pessoas podem apenas considerar uma crítica à modernidade, não um compromisso com formas específicas de organização social “tradicionais” (medievais) ou com o sistema de castas. Como eu disse, o Tradicionalismo não é uma ideologia em massa como o Comunismo. Nem há uma linha do partido. Guénon foi talvez uma espécie de Marx, mas ele não foi um Lenin. Lenin não aprovaria: os Tradicionalistas não têm disciplina de partido de forma alguma.

**Felipe Freitas de Souza:** É comum para muitos Tradicionalistas fazerem referência ao Islam, como foi o caso de Guénon e Schuón, deixando herdeiros que propagam essa perspectiva

---

<sup>7</sup> Trata-se do “Box Essencial René Guénon”, publicado pela Editora Bismillah em seu selo Editorial Estrela da Manhã. Um dos filhos de Olavo é sócio da Editora, conforme pode ser apreendido em seu CNPJ.

anti-Modernidade. Além de apresentarem uma visão limítrofe da Modernidade, eles também têm em comum uma apreciação pelo Islam, com alguns até mesmo aderindo a *turuq* (ordens místicas islâmicas). Por que o Islam?

**Mark Sedgwick:** Um Tradicionalista diria que a resposta é o Islam, porque a versão mais acessível hoje da tradição primordial esotérica está no Sufismo e o Sufismo existe dentro do quadro exotérico do Islam. Isso pode realmente ser verdade - o Sufismo é acessível e esotérico. Mas também há algo que Olavo de Carvalho apontou e que desde então pensei muito e aceitei. Olavo de Carvalho disse que a teoria Tradicionalista se encaixava no Islam porque originalmente veio do Islam. Não tenho certeza se isso foi um palpite inspirado ou se ele sabia algo sobre as origens do pensamento de Guénon que eu mesmo só descobri relativamente recentemente - a extensão em que as primeiras compreensões de Guénon foram moldadas pelas visões e experiências do homem que ele conhecia como Abd al-Hadi al-Maghribi, um sueco que falava francês e se converteu ao Islam, também conhecido como Ivan Aguéli, que passou muitos anos no Egito estudando o pensamento sufista e escrevendo contra o modernismo. Muitas das ideias de Guénon se encaixam perfeitamente no pensamento sufista porque é do pensamento sufista que Aguéli as derivou em primeiro lugar. Portanto, faz sentido para os Tradicionalistas se voltarem para o Islam se, de fato, já é lá onde eles estão, mesmo sem saber.

**Felipe Freitas de Souza:** Se o Islam tem uma presença tão marcante no Tradicionalismo, o que dizer sobre o Cristianismo Ortodoxo?

**Mark Sedgwick:** O Cristianismo Ortodoxo parece ser a segunda opção para muitos Tradicionalistas e isso não é apenas por causa da influência de Dugin, que é ele próprio Ortodoxo. Guénon condenou o Catolicismo, na sua forma moderna, como vazio da tradição primordial, puramente exotérico, e o Protestantismo como nem mesmo uma religião real, mas ele nunca condenou a Ortodoxia da mesma maneira. Ele também não a abraçou, é claro, mas mesmo assim isso tornou mais fácil para seus seguidores olharem simpaticamente para a Ortodoxia e, por vezes, se tornarem Ortodoxos. Pode de fato ser verdade que a Ortodoxia seja menos afetada pela modernidade do que o Catolicismo e o Protestantismo, embora eu não seja um especialista em Ortodoxia.

**Felipe Freitas de Souza:** Após ler o seu trabalho, sempre que encontro o adjetivo “tradicional”, observo o texto ou discurso onde essa palavra aparece com uma percepção diferente. Parece uma tentativa de se apropriar de significados: aqueles que afirmam ser tradicionais acusam implicitamente os outros de serem reformadores, restauradores, inovadores, desviados, etc. As palavras “tradição” e “tradicional” podem ser usadas por movimentos religiosos sem invocar essa “bacia semântica” do Tradicionalismo?

**Mark Sedgwick:** O adjetivo “tradicional” tem muitos significados e associações. Para alguns, é algo bom, enquanto para outros, é algo ruim - como para a esquerda, por exemplo. Para alguns, a tradição é o que devemos manter enquanto, para outros, é algo que fazemos sem pensar e, portanto, deve ser abandonado. Para Guénon, tinha um significado muito específico - a tradição primordial. Para muitos Tradicionalistas também adquiriu um significado muito mais geral além desse significado central e técnico. Alguns Tradicionalistas podem se opor a calças jeans, por exemplo, porque elas não são tradicionais... o que é verdade no sentido de que poucas pessoas as usavam antes de Levi Strauss se deparar com o tecido em questão. Mas nada disso tem a ver com esoterismo. Guénon adicionou um novo significado à antiga palavra “tradição”, mas ele não eliminou quaisquer dos significados anteriores.

Portanto, católicos tradicionalistas podem continuar sendo tradicionalistas sem, na maioria dos casos, sequer terem ouvido falar de Guénon, e entusiastas da culinária podem recusar o uso de micro-ondas e tradicionalistas guénonianos podem continuar procurando a tradição esotérica primordial.

**Felipe Freitas de Souza:** Seu artigo *Tradicionalismo no Brasil: Sufismo, Tai Chi e Olavo de Carvalho de Carvalho* [título original: *Traditionalism in Brazil: Sufism, Tai Chi, and Olavo de Carvalho*,<sup>8</sup> ainda sem tradução para o português] deve ser um dos principais trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Você tem alguma outra observação ou projeção sobre o desenvolvimento do Tradicionalismo no Brasil que poderia compartilhar?

**Mark Sedgwick:** Apenas pessoal. Acredito que o Brasil seja negligenciado por acadêmicos fora da América Latina. Eu só examinei o Tradicionalismo no Brasil por razões realmente

---

<sup>8</sup> SEDGWICK, Mark. *Traditionalism in Brazil: sufism, ta'i chi, and Olavo de Carvalho*. *Aries: Journal for the Study of the Western Esotericism*. S/l., n. 21.2, out. 2020. p. 159-184. Disponível em [https://brill.com/view/journals/arie/21/2/article-p159\\_1.xml](https://brill.com/view/journals/arie/21/2/article-p159_1.xml). Acesso em 25 de set. de 2023.

peçoais - eu tinha uma namorada brasileira quando era estudante em Oxford e fiz alguns trabalhos sobre a história do Brasil naquela época. E, é claro, quando olhei, encontrei muitas coisas interessantes e importantes. Vou continuar prestando atenção ao Brasil e aconselharia outros acadêmicos internacionais a fazerem o mesmo.

### **Livros publicados por Mark Sedgwick**

SEDGWICK, Mark J. *Sufism: The Essentials*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2000.

SEDGWICK, Mark. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SEDGWICK, Mark. *Saints and Sons: The Making and Remaking of the Rashīdi Aḥmadi Sufi Order, 1799-2000*. Leiden, Boston: Brill, 2005.

SEDGWICK, Mark. *Islam and Muslims: A Guide to Diverse Experience in a Modern World*. Boston: Intercultural Press, 2006.

SEDGWICK, Mark. *Muhammad Abduh*. Collection: Makers of the Muslim World. Oxford: Oneworld, 2009.

WEISMANN, Itzhak; SEDGWICK, Mark; MÅRTENSSON, Ulrika (Eds.). *Islamic Myths and Memories: Mediators of Globalization*. Farnham: Ashgate Press, 2014.

SEDGWICK, Mark. (Ed.) *Making European Muslims: Religious Socialization among Young Muslims in Scandinavia and Western Europe*. Abingdon: Routledge, 2015.

SEDGWICK, Mark. *Western Sufism: From the Abbasids to the New Age*. New York: Oxford University Press, 2016.

SEDGWICK, Mark. (Ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Editor. New York: Oxford University Press, 2019.

PIRAINO, Francesco; SEDGWICK, Mark. (Eds.) *Global Sufism: Boundaries, Structures, and Politics*. London: Hurst, 2019.

PIRAINO, Francesco; SEDGWICK, Mark. (Eds.) *Esoteric Transfers and Constructions: Judaism, Christianity, and Islam*. Collection: Palgrave Studies in New Religions and Alternative Spiritualities. New York: Palgrave, 2021.

SEDGWICK, Mark. (Ed.) *Anarchist, Artist, Sufi: The Politics, Painting, and Esotericism of Ivan Aguéli*. Collection: Islam of the Global West. London: Bloomsbury, 2021.

SEDGWICK, Mark. *Traditionalism: The Radical Project for Restoring Sacred Order*. New York: Oxford University Press, 2023.

### **Em português:**

SEDGWICK, Mark. *Contra o Mundo Moderno: o Tradicionalismo e a História Intelectual Secreta do Século XX*. Coleção Trotsdem. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

\* \* \* \* \*

Studies related to Traditionalism, an ideology that amalgamates politics, esotericism, and religion in an elitist approach, have been gaining prominence both nationally and internationally. Prominent figures such as Steve Bannon, advisor to Donald Trump and a prominent influencer in the United States, Olavo de Carvalho, an influential figure in the government of Jair Bolsonaro in Brazil, and Alexander Dugin, an ideologue with significant influence in Russia, revolve within the sphere of Traditionalism. It is noteworthy that the influence of these thinkers has transcended political borders, extending into the spiritual realm. Traditionalism offers a perspective that proposes an understanding of history that rehabilitates tradition as a desirable horizon for the organization of society. This movement has strengthened in parallel with the rise of far-right thought, promoting antidemocratic and antimodern ideas while reinforcing reactionary and conformist notions.

The Traditionalist ideology is based on the division of people into two main groups: the traditionalists and the modernists. It is characterized by an aversion to revolutionary thinking and promotes concepts such as caste society in a new guise. For example, the prevalent perspective among adherents of Bolsonarism that a true citizen identifies as a patriot, "righteous," Christian, and heterosexual, in opposition to communists, non-Christians, and those who deviate from heteronormativity, illustrates how the division between "us and them," a distinctive trait of fascist thinking, resurfaces in different contexts. Understanding the role of Traditionalism in this scenario, as well as in other manifestations, becomes a crucial task for researchers in the field of religious studies. In the religious context, Traditionalists often claim to possess a genuine understanding of religion, regardless of the tradition to which they are currently affiliated. This can be confusing for scholars and interested individuals, as these Traditionalists frequently use the terms "traditional" or "classic" as synonyms for "true" or "original." This strategy is part of their quest for presence and influence in the social sphere, even though some of their members claim not to be politically involved.

Mark Sedgwick, one of the leading experts in the study of Traditionalism, has been dedicated to this topic since the early 2000s. Born in England, he is a historian and professor of Arabic and Islamic Studies at the Faculty of Arts at Aarhus University in Denmark. His initial

engagement with the subject began during his studies at the American University in Cairo, where he became involved with Sufism. While his previous book, "Against the Modern World," focused on the esotericist René Guénon, his most recent work on Traditionalism, released in 2023, provides analyses of the movements and intellectuals who followed Guénon's legacy, with an emphasis on their connections to the thoughts of Frithjof Schuón and Julius Evola. In Brazil, sympathizers of these authors play diverse roles in various spheres, both public and private, influencing how social actors interpret reality. In this interview, Professor Sedgwick emphasizes the importance of recognizing the multiple manifestations of Traditionalism, regardless of where they occur.

I would like to thank journalist Letícia Oliveira and Professor Petter Hübner for their contributions to the questions of this interview.

**Felipe Freitas de Souza:** In your book *Against the modern world* your approach was panoramic, pointing out the main social agents involved with the issue of Traditionalism and its main currents of development. In your new book, *Traditionalism: The Radical Project for Restoring Sacred Order*, the division is more thematic rather than based on those currents. It was significant that in your Preface to the German edition of *Against the modern world* in 2019, you pointed out the exhaustion of Liberalism but not the exhaustion of Traditionalism. What role does Traditionalism play in the contemporary politics of the West?

**Mark Sedgwick:** Yes, the new book is indeed thematic. The first book, *Against the Modern World*, looked at the origins of the Traditionalist movement and how it developed. I was then especially interested in its impact on Islam, and this led to an emphasis on the people involved. The focus of the new book is more on ideas than actions, though of course this also involves reference to people, as it was people who developed and modified the ideas. The ideas are presented thematically, distinguishing between the basic ideas that are at the heart of Traditionalism and the applications of those basic ideas. Including political applications, as it is politics that Traditionalism is most visible today.

Traditionalism's role in the contemporary politics of the West is in the background. Traditionalism is not a mass ideology like Communism or Socialism or Fascism that can be preached to large numbers of people at public meetings. The Traditionalists are instead read by intellectuals on the radical right or the new right, as well as by people with no political affiliation. One of the big ideas of the radical right – which comes from the Italian Marxist

philosopher Antonio Gramsci, not from Traditionalism – is what they call “metapolitics.” This is the idea that in order to change the world you first need to change how people think about things. The terms of the debate often determine the outcome of the debate, and the outcome of the debate then determines what happens in real life. I myself think that is often true, though of course it is also true that what has happened in real life also determines much of the subsequent debate. Anyhow, Traditionalism is a major reference for the intellectual Right, and the political Right is on the rise everywhere – look at voting patterns almost anywhere that has meaningful elections, and this is clear. So Traditionalism affects the intellectual Right, affects the political Right, and which affects the real world.

Which Traditionalists? The big names at present are the Italian Julius Evola, who died in 1974 but was the first and most important Traditionalist to write on political issues, the Russian Alexander Dugin, the American Steve Bannon, and – at least for those who know Brazil – the late Olavo de Carvalho.

**Felipe Freitas de Souza:** We know that there have been disputes and divisions among Traditionalist groups, as occurred to some extent with prominent figures in the movement, such as Guénon and Schuón. What role do these ruptures and divisions play for these groups? The sect-like format followed by many of these groups enables what endeavors and limits?

**Mark Sedgwick:** Like all ruptures and divisions, those within the Traditionalist movement reflect personal animosities as well as disagreements about ideas. In my new book, I am most interested in ideas, and one can look at these without too much reference to personal animosities. Traditionalist ideas proper all start with the French philosopher René Guénon (though he too had his sources, of course). When Evola developed one of Guénon’s ideas in a new or different direction, for example, this was in some ways a disagreement as well as a development. And the result was a division between those who accepted the new development and those who did not.

Some Traditionalist thinkers just have intellectual followers, but some also have followers who make up organized groups. And those groups resemble sects, not in the popular sense of being deviant and dangerous, but in the sociological sense, as they are distinct and different from the surrounding mainstream. Though of course some Traditionalist groups have been dangerous, usually for their own members, and some members of Traditionalist

groups have indeed suffered. In Italy, in the 1970s and early 1980s, some innocent bystanders were injured or even killed by one particular Traditionalist group that resorted to the use of explosives in its attack on modernity, But this is unusual, and Traditionalist groups have also made it possible for their members to explore traditional spirituality and, in some cases, politics in a way that would not have been possible otherwise.

**Felipe Freitas de Souza:** Alexander Dugin has played a significant role in the intellectual debate in Russia, much like Olavo de Carvalho de Carvalho did in Brazil. Recently, Dugin published<sup>9</sup> a text in a magazine from the Brazilian Superior War School (Escola Superior de Guerra), which is part of the Brazilian Ministry of Defense. Additionally, there is a movement called "Nova Resistência", with a dissident group called "Sol da Pátria" which shares a similar orientation and has been spreading Duginist thought in Brazil, as well as that of Julius Evola and other exponents of "classical" Traditionalism. What do you identify as relevant in this expansion of Duginist thought, and what risks for democracies does this diffusion contain?

**Mark Sedgwick:** Dugin and Olavo de Carvalho are indeed similar in many ways, even though they did not get on at all well in the public debate they had in 2011. So it is perhaps not surprising that Dugin's thought should interest people in the country where Olavo de Carvalho's thought also interested people. There is no single explanation of why some Brazilians like Olavo de Carvalho's perspectives, and the same is true of why they are interested in Dugin. But it is probably relevant in both cases that Brazil's experience of liberal modernity has not been unproblematic, and that Brazil shares with Russia a somewhat equivocal relationship with dominant Western modernity.

Duginist thought takes direct aim at democracy, and in that sense is a direct risk for democracies. But the bigger risk comes not from Dugin but from the general crisis of liberalism and of democracy that we are now witnessing, which has far deeper and wider causes than any individual thinker. If liberal democracy were thriving in Brazil, no one would be worried about some weird Russian intellectual.

---

<sup>9</sup> DUGIN, Aleksandr G. The Second World, the Semi-Periphery and the Civilization-State in the Theory of the Multi-Polar World. In: *Cadernos de Estudos Estratégicos*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, n. 01, 2023. p. 14-28. [https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos/edicoes-do-ano-corrente/caderno\\_abril-2023\\_a-crise-russo-ucraniana\\_diferentes-enfoques.pdf](https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos/edicoes-do-ano-corrente/caderno_abril-2023_a-crise-russo-ucraniana_diferentes-enfoques.pdf). Acesso em 25 de set. de 2023.

**Felipe Freitas de Souza:** Before being translated into Portuguese by the publishing house Âyiné in early 2021, your book *Against the modern world* circulated among anti-fascist activists, much like the works of Alexander Reid Ross,<sup>10</sup> Benjamin Teitelbaum,<sup>11</sup> and Jason Stanley.<sup>12</sup> The *El Coyote* portal<sup>13</sup> played a relevant role in disseminating these authors and their works, including yours. In the beginning of your new book, you indicate that people need to recognize Traditionalism when they encounter it; similarly, they must be able to identify neo-fascism and neo-nazism, which, despite everything, are currently in vogue and present in contemporary political scenes, often adopting new forms. To what extent can Traditionalism be considered a form of philo-fascist or para-fascist ideology? What can the relationship between Traditionalist social agents and far-right governments tell us about Traditionalism?

**Mark Sedgwick:** Contemporary Traditionalism is explicitly critical of classic Fascism, so it might perhaps be better called post-fascist rather than neo-fascist. It is certainly anti-liberal, as Fascism was.

Most importantly, Traditionalism is anti-modern. It is therefore against such modern ideas as human equality and progress, not just democracy. In many ways it is much more radical than classic Fascism ever was. So actually the relationship between Traditionalism and far-right politicians tells us about more about far-right politicians than it does about Traditionalism. Many far-right politicians present themselves as unafraid, reasonable people. Up to a point... But if they have a relationship with Traditionalism, they are—at least potentially – far more radical than they like to appear.

**Felipe Freitas de Souza:** Traditionalism often relies on religion as a support for its struggles and debates. Considering the case of Islam, we have figures like Hamza Yusuf, Umar Faruq Abd-Allah, and Abdal Hakim Murad as exponents of this thought, who were previously based in institutions but are now primarily present on the internet. In Brazil, Traditional Islam has been spreading as a form of post-Salafism, claiming legitimacy to define who is or isn't a

---

<sup>10</sup> ROSS, Alexander Reid. *Against the fascist creep*. Oakland: AK Press, 2017.

<sup>11</sup> TEITELBAUM, Benjamin R. *War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers*. New York: Dey Street Books, 2020.

<sup>12</sup> STANLEY, Jason. *How Fascism Works: The Politics of Us and Them*. New York: Random House, 2018.

<sup>13</sup> [elcoyote.net](http://elcoyote.net)

“true Muslim”, mainly through social media – an instrument they identify as outside the “world of tradition”. I mentioned Brazil, but this phenomenon is global. How are Traditionalists using contemporary instruments in the service of their ideology? How contradictory is it for these critics of modernity to use social networks and online platforms to disseminate their ideologies?

**Mark Sedgwick:** People like Hamza Yusuf are certainly traditionalists, but in a different way from Guénon and Evola. To varying degrees, they accept much of the Traditionalist critique of modernity, but they have a different understanding of the tradition that is the contrary of modernity. For them, it is classic Islam, and often Sufism. For Guénon, it was what he called “the primordial tradition”, universal esoteric truth, one of the forms of which was Sufism, which existed within the exoteric framework of Islam. This is not the same thing. Guénon’s position was perennialist – a specific form of universalism - and Hamza Yousuf and the like are not perennialists.

Hamza Yusuf and the others you mentioned position themselves in opposition to Salafism, which they see as non-traditional. In this they are right, because Salafis reject certain classic forms of religious authority. Salafis are not exactly modern, though, as Salafism as an interpretation of Islam originates in one part of the Arabian peninsula, the Nejd, at the end of the eighteenth century. And though modernity was well established in Europe at that time, it had not then penetrated to the Nejd.

Anyhow, there is no contradiction in either Hamza Yusuf or the contemporary followers of René Guénon using modern means of communication to disseminate their messages. The primary problem they find in modernity is what it is *not*—it has lost true Islam, or primordial esoteric truth, as the case may be. Despite this, some aspects of modernity are good. The good that has been added is not worth the good that has been lost, but that does not stop some modern innovations being, in their own limited terms, useful. Even if some, like democracy, are not at all useful.

**Felipe Freitas de Souza:** Recently, a publishing house associated with Olavo de Carvalho's family released translations of René Guénon's works into Portuguese.<sup>14</sup> Dugin cites Guénon

---

<sup>14</sup> This is the "Essential René Guénon Box," published by Bismillah Publisher under its Morning Star Editorial label. One of Olavo's sons is a partner in the publishing company, as can be seen in its CNPJ (Brazilian Business Registry).

in his works, and Steve Bannon refers to him. One relevant portal on Traditional Islam in Brazil uses René Guénon to define tradition. One of the ideologues of a Brazilian far-right movement, Movimento Brasil Livre (MBL), presents himself as a Muslim and references Guénon in some of his interviews. To what extent is the reference to René Guénon a red flag for those concerned about not returning to a society based on castes, authoritarianism, and conservatism, as desired and praised by Guénon and most of his followers, or to combat right-wing ideologies aligned with Nazi-fascism?

**Mark Sedgwick:** References to Guénon are always a red flag. But sometimes once they have been investigated the red flag can be replaced with an orange one, or even a green one. It depends what people take from Guénon. It may just be an argument for the virtues of Islam – in which case a green flag is definitely called for, as green is the color of Islam! Or people may just take a critique of modernity, not a commitment to specific “traditional” (medieval) forms of social organization or the caste system. As I said, Traditionalism is not a mass ideology like Communism. Nor is there a party line. Guénon was perhaps a sort of Marx, but he was no Lenin. Lenin would not approve: Traditionalists have absolutely no party disciple.

**Felipe Freitas de Souza:** It is common for many Traditionalists to refer to Islam, as was the case with Guénon and Schuón, leaving heirs who propagate this anti-Modernity perspective. Besides presenting a borderline perspective of Modernity, they also have in common an appreciation for Islam, with some even adhering to a *turuq* (Islamic mystical orders). Why Islam?

**Mark Sedgwick:** A Traditionalist would say that the answer is Islam because the most accessible version today of the esoteric primordial tradition is in Sufism, and Sufism exists within the exoteric frame of Islam. This may actually be true – Sufism is accessible, and esoteric. But there is also something that Olavo de Carvalho pointed out that I have since thought about a lot and have come to accept. Olavo de Carvalho said that Traditionalist theory fitted Islam because it originally came from Islam. I’m not sure whether that was an inspired guess or whether he knew something about the origins of Guénon’s thought that I myself only discovered relatively recently – the extent to which Guénon’s early understanding were shaped by the views and experience of the man he knew as Abd al-Hadi al-Maghribi, a French-speaking Swedish convert to Islam also known as Ivan Aguéli who had spent many years in Egypt studying Sufi thought and writing against modernism. Many of Guénon’s ideas

fit neatly with Sufi thought because Sufi thought is where Aguéli took them from in the first place. So it makes sense for Traditionalists to turn to Islam if that is in fact where they already are, if without knowing it.

**Felipe Freitas de Souza:** If Islam has such a presence in Traditionalism, what does it say about Orthodox Christianity?

**Mark Sedgwick:** Orthodox Christianity seems to be the runner up to Islam for many Traditionalists, and this is not just because of the influence of Dugin, who is of course himself Orthodox. Guénon condemned Catholicism as, in its modern form, empty of the primordial tradition, purely exoteric, and Protestantism as not even a real religion, but he never condemned Orthodoxy in the same way. Nor did he embrace it, of course, but even so, this has made it easier for his followers to look sympathetically on Orthodoxy, and sometimes to become Orthodox. It may indeed be true that Orthodoxy is less effected by modernity than Catholicism and Protestantism, though I am not an expert on Orthodoxy.

**Felipe Freitas de Souza:** After reading your work, whenever I come across the adjective traditional, I observe the text or discourse where that word appears with a different perception. It seems like an attempt to hijack meanings: those who claim to be traditional implicitly accuse others of being reformers, restorers, innovators, deviants, etc. Can the words “tradition” and “traditional” be used by religious movements without invoking this “semantic basin” of Traditionalism?

**Mark Sedgwick:** The adjective traditional has so many meanings and associations. For some it is good, and for some it is bad—for the Left, for example. For some, tradition is what we must maintain, for others it is what we do without thinking and should therefore be abandoned. For Guénon it had a very specific meaning—the primordial tradition. For many Traditionalists, it has also acquired a much more general meaning beyond this central, technical meaning. Some Traditionalists object to jeans because they are not traditional... which they are not in the sense few people wore them before Levi Strauss encountered the cloth in question, but none of this has anything to do with esoterics. Guénon added a new layer of meaning to the old term “tradition,” but he did not eliminate any of the earlier layers of meaning.

So Catholic Traditionalists can carry on being Traditionalist without, in most cases, even having heard of Guénon, and culinary traditionalists can refuse to use microwaves, and Guénonian Traditionalists can carry on searching for the primordial esoteric tradition.

**Felipe Freitas de Souza:** Your article *Traditionalism in Brazil: Sufism, Tai Chi, and Olavo de Carvalho*<sup>15</sup> might be one of the main academic works on the subject. Do you have any other remarks or projections about the development of Traditionalism in Brazil that you could share?

**Mark Sedgwick:** Only personal. Brazil is, I think, neglected by scholars outside Latin America. I only looked at Traditionalism in Brazil for what were really personal reasons – I had a Brazilian girlfriend when I was a student at Oxford and did some papers on Brazilian history around that time. And of course, when I looked, I found much that was interesting and important. I am going to keep paying attention to Brazil, and I would advise other international scholars to do the same.

Recebida em 18/05/2023

Aceita para publicação em 29/05/2023

---

<sup>15</sup> SEDGWICK, Mark. Traditionalism in Brazil: sufism, ta'i chi, and Olavo de Carvalho. *Aries: Journal for the Study of the Western Esotericism*. S/l., n. 21.2, out. 2020. p. 159-184. Available in [https://brill.com/view/journals/arie/21/2/article-p159\\_1.xml](https://brill.com/view/journals/arie/21/2/article-p159_1.xml). Access in: 25 sept. 2023.